

PASSAPORTE PARA O BRASIL

Quatro décadas depois de seu lançamento nos Estados Unidos, chega ao País o livro que detalha a obra infantil de Monteiro Lobato, reafirmando a influência do “pai brasileiro da Literatura Infantil”

texto RENATA VALÉRIO DE MESQUITA fotos VINICIUS PEREIRA

Aos 5 anos, as cores e a magia do figurino de uma boneca de Carmen Miranda fizeram Rose Lee Hayden se apaixonar pelo Brasil. Aos 30, outra boneca atrevida e perspicaz, Emília, levou a norte-americana a admirar e estudar a obra de Monteiro Lobato. Agora, com 69 anos, ela comemora o lançamento em português do livro *A Literatura Infantil de Monteiro Lobato – uma Pedagogia para o Progresso*, 40 anos depois de sua publicação nos Estados Unidos. Na capa, as feições sapecas de Emília mostram que a ligação de Rose Lee com a boneca continua. Originalmente, o livro nasceu da tese de seu PhD. Quando precisava decidir o tema, Rose Lee quis aproveitar a oportunidade para conhecer a fundo a cultura brasileira. Nessa época, no início dos anos 1970, ela liderava projetos de criação de universidades na América Latina. Por isso, viajava com frequência ao Brasil e recebia professores brasileiros na Universidade de Michigan. “Um desses amigos me falou sobre Lobato. Quando vi que ele tinha 22 livros infanto-juvenis, fiquei impressionada. Ao ler sua obra, me dei conta de como ele era revolucionário em sua forma de falar e tratar com as crianças”, diz Rose Lee à **Brasileiros** e que esteve no País para o lançamento de seu livro. A coordenação de programas educativos internacionais que a levou a conhecer o escritor é só uma parte de seu currículo. Ela já integrou o Corpo de Paz do governo de Jimmy Carter, foi professora, divulgadora e produtora de TV para ensino de idiomas, e hoje é



LAÇOS A atrevida e perspicaz boneca Emília e a escritora norte-americana Rose Lee Hayden, que estudou a obra de Monteiro Lobato

A figura paterna é
inexistente na obra de
Lobato e os personagens
masculinos mais fortes
são o menino Pedrinho,
um porco, um sabugo
e o Tio Barnabé.
Mais: Emília se casa e
se divorcia do Marquês
de Rabicó quando isso
ainda não era legalmente
aceito na nossa
sociedade

escritora e editora de livros na área – além de pianista. Essa variedade profissional teve início há 48 anos e é fruto de uma promessa feita quando ela trabalhou como voluntária durante três meses no Nordeste brasileiro, em 1964. Uma noite, em Camaçari (BA), foi conduzida por policiais à praça da cidade e surpreendida por uma homenagem à Independência dos Estados Unidos, feita por moradores especialmente para ela. “Fiquei com medo quando foram me pegar, fazia dois meses que havia ocorrido o golpe militar

no Brasil e eu não falava português. Mas foi nessa ocasião que descobri que as pessoas pobres são as mais generosas e prometi que iria passar o resto da vida ensinando sobre o Brasil.” Foi sua determinação em visitar o país originário da boneca Carmen Miranda que direcionou sua carreira e permitiu a ela conhecer muitos Jeca Tatus e Tias Nastácias em pessoa, antes mesmo de estudar os personagens do escritor.

A pedagogia de Monteiro Lobato

Para Rose Lee, o escritor é tão relevante hoje como 40 anos atrás, quando ela defendeu sua tese. E acrescenta que ele tem sido fundamental desde o momento em que estreou na literatura infantil. “O estilo de ensino que ele propôs, há cerca de cem anos, ainda é atual.” Segundo Rose, na concepção de Lobato, os professores deveriam servir de guia, como Dona Benta para os netos, fazendo do aprendizado um processo instigante. Como acontece em cada uma

das aventuras vividas pela turma do *Sítio do Picapau Amarelo*, o professor deveria estimular a imaginação das crianças e levá-las a experimentar coisas que não conhecem.

Rose destaca no livro que “Lobato acreditava que o objetivo da educação era liberar a imaginação e a inteligência da criança, sem abarrotá-la com ideias inúteis e abstratas. (...) Lobato fez isso de uma maneira tal, que as lições eram aprendidas com prazer, sem o uso pesado da moralização e o didatismo óbvio de outros livros infantis da época. O

método usado por Lobato era socrático (...) e nenhum conceito era tão difícil, que não pudesse ser mudado ou simplificado, para tornar-se interessante às crianças”.

Na opinião dela, a sabedoria, a inteligência humanitária e o progresso tecnológico que Lobato defende, são valores atemporais que não perdem validade. E as estratégias de ensino são contemporâneas e globais. “Na tese, fui neutra, mas tudo o que aprendi com ele foi valioso. As ideias pedagógicas dele moldaram meu estilo de ensinar e de escrever.”

Em seu livro-tese – que teve boa parte dos academicismos retirados, reduzindo o original de 650 páginas para menos de 200 –, Rose analisa os valores transmitidos pela literatura de Lobato. Recheado de trechos extraídos das obras dele, o trabalho faz interpretações que podem surpreender até os fãs do autor. Um exemplo é a quase ausência das instituições básicas da sociedade brasileira – família, escola e igreja – na coleção infanto-juvenil de Lobato. “A figura paterna é inexistente e não se escuta falar da família em seu formato tradicional. Os personagens masculinos mais fortes são o menino Pedrinho, um porco, um sabugo e o Tio Barnabé”, diz Rose. Ela vai além, quando questiona sobre os netos de dona Benta, que vão visitá-la todas as férias e não têm outra família. Eles recebem a visita do Peter Pan, vão encontrar Hércules na Grécia Antiga, mas nunca atravessam a rua. “A Emília casa e se divorcia do Marquês de Rabicó, quando isso ainda não era legalmente aceito na sociedade.”

Segundo o levantamento de Rose, das 4.683 páginas escritas por Lobato para o público infanto-juvenil, só dez trazem menção ao ensino escolar. São 25 referências “casuais e resumidas, que manifestavam atitudes

negativas ao sistema de educação formal”. Apesar disso, esses livros foram adotados pela rede de ensino público e, depois, também pela privada, como até hoje são.

Lobato, que completaria 130 anos em 2012, começou a escrever para crianças por não encontrar na produção da época livros que achasse interessante para os filhos. Acabou se tornando o pai da literatura infantil no País. Na tese, Rose defende: “Os educadores tradicionais acreditavam que as crianças deveriam ser educadas, mostrando-se a vida como deveria ser, enquanto Lobato acreditava que as crianças deveriam ser ensinadas mostrando-lhes a vida como ela é, na realidade. Desse modo, as crianças poderiam lidar melhor com as situações do mundo real. Isso não sugere, entretanto, que Lobato negasse o valor de ensinamentos morais. (...) Lobato respeitava a inteligência de seus leitores para adotar a visão de vida de um avestruz, com sua cabeça enfiada na areia”.

Sempre polêmico

Durante as gerações que cresceram lendo sua obra, Lobato sempre enfrentou polêmicas. Em vida, foi criticado e censurado pela igreja católica, descontente com o livro *História do Mundo para as Crianças*, lançado em 1933. Foi perseguido e preso (1940) pelo governo de Getúlio Vargas, por defender ideologias e ideias ditas “subversivas”, expostas até mesmo no livro infantil *Caçadas de Pedrinho*. “Ele queria criar um povo, uma identidade nacional. Mesmo assim foi considerado antipatriota, porque expunha o lado negativo da realidade do País.” Menos de uma década após sua morte, em 1957, teve seus livros infantis queimados em praças públicas. Isso porque o padre Sales Brasil publicou *A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças* que, em suas 330 páginas, acusa o escritor de doutrinar as crianças no comunismo. “Para a minha surpresa, parece que fui a primeira pessoa a estudar com seriedade a produção de Lobato, para a tese que defendi em 1973. Não tinha ideia, mas estava à frente do meu tempo. Depois sim, teve e tem gente que escreveu sobre ele e, inclusive, sobre sua literatura infantil.”

Mais recentemente, uma nova polêmica surgiu devido ao uso de termos considerados preconceituosos. Em 2010, o Conselho Nacional de Educação (CNE) chegou a recomendar que *Caçadas de Pedrinho* não fosse mais distribuído às escolas públicas ou passasse a incluir uma nota explicativa por conter “estereótipos racistas”. Fernando Haddad, na época ministro da Educação, não aprovou a medida e o debate esquentou. Por fim, o CNE reviu seu parecer e passou a recomendar a contextualização histórica dos livros adotados nas escolas, destacando que não se deve vetar o acesso dos estudantes a nenhuma obra literária.

Para Rose, é importante lembrar que Lobato nasceu na época em que o Brasil ainda tinha imperador e escravidão. “Esse tipo de linguagem já não é mais aceitável ética e racialmente porque evoluímos como seres humanos. Mas é importante manter a magia das histórias e dos personagens.” Como têm feito, na opinião dela, as releituras do *Sítio do Picapau Amarelo* para a TV – tanto com atores quanto em desenho animado, no ar desde o ano passado –, que contribuem também para a popularidade e contemporaneidade da obra de Lobato. **I**



CRIADORA E CRIATURA

Rose e seu livro *A Literatura Infantil de Monteiro Lobato*, que acaba de ser lançado no País